

Desenvolvimento Cognitivo e Social do Portador de Deficiência Auditiva numa Perspectiva Humanista: Uma Análise de Caso na Escola

Bruno M. Cury¹

Leandro B. Lopes²

Renata Terezinha B. de Bernardi³

Resumo

O objetivo da pesquisa foi analisar um caso de um estudante privado de audição do ensino médio de uma escola pública da cidade de Ponte Nova – MG levando em consideração os aspectos relativos ao desenvolvimento cognitivo e social do mesmo. O presente trabalho teve como referência a abordagem Humanista Centrada na Pessoa utilizando este viés para a análise dos dados obtidos. Esta teoria afirma que as deficiências de desenvolvimento, às vezes apresentadas pelo indivíduo portador de surdez, são muito mais por consequências de uma carência de afeto do que por causa de causas inerentes a própria surdez.

Palavras-chave: abordagem centrada na pessoa, surdez, tendência atualizante

Abstract

The aim of the research was to analyze a case of a hearing impaired student of elementary school in a public institution in the city of Ponte Nova – MG taking into consideration the relative aspects to the perceptive and social development of the student. The present work had as reference the humanist approach centered in the person using this gore for the analysis of the information provided. This theory affirms that the development deficiencies, sometimes presented by the hearing impaired individual are related to the consequences of the lack of affection instead of inherent causes the own deafness.

Keywords: deafness, humanist approach centered in the person, current tendency

¹ Mestrando em Psicologia: Intervenções clínicas e sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG). Professor e supervisor de estágio do curso de Psicologia da FACISA - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde na União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA); E-mail: brunomcury@yahoo.com.br

² Aluno do 6.º período de psicologia da FACISA.

³ Aluna do 6.º período de psicologia da FACISA.

Introdução

O ser humano subjetivo tem uma importância e valor fundamental: qualquer que seja o nome ou valor que lhe atribuíam, é, antes de tudo, e mais profundamente, uma pessoa humana. Não é apenas uma máquina, nem só uma coleção de cadeia de estímulo e resposta, nem um objeto, ou uma peça do jogo (Rogers & Kinget, 1976, p. 2).

Os estudos acerca do ser humano portador de deficiência auditiva têm sido discutidos em diferentes visões psicológicas causando, algumas vezes, controvérsias quando o assunto é o desenvolvimento social e cognitivo.

Há uma perspectiva – Myklebust (1983), Rodrigues e Rondon (2004) – que coloca que a “anormalidade” em tais desenvolvimentos é acarretada por causas inerentes a surdez, ou seja, afirmam que tais déficits necessariamente estarão presentes no portador de surdez.

De acordo com Rodrigues e Rondon (2004), a aprendizagem da criança surda é mais lenta, já que ela não recebe a mesma quantidade de estímulos que uma criança que ouve, daí há uma interferência em sua perfeita formação e desenvolvimento. Para Myklebust (1983) há, no portador de surdez, uma dificuldade em acompanhar o desenvolvimento da uma pessoa com a audição normal, segundo ele, “o surdo pode apresentar um atraso mental de dois anos em relação à criança ouvinte e um atraso educacional de cinco anos” (p. 35).

Em contrapartida, há uma segunda visão, trabalhada por Silva (2003) e Lacerda (1996) que vem de encontro a psicologia humanista, segundo o qual afirma que tais deficiências de desenvolvimento são consequências de uma carência de afeto, sendo assim construída a partir da relação do portador de surdez com o outro. Silva (2003), nesta perspectiva, aponta que filhos portadores de deficiência auditiva de pais também com o mesmo problema, e neste caso tendem a serem mais facilmente aceitos, manifestam, conseqüentemente, desempenho normal a nível escolar e melhor habilidade para aprendizagem oral, linguagem oral e escrita, nível de leitura semelhante a dos ouvintes, uma identidade equilibrada e não apresentam problemas sociais nas mesmas proporções que filhos surdos de pais ouvintes. Skliar (1997), citado por Silva (2003), afirma então que os princípios gerais que regem o desenvolvimento devem ser, no caso das crianças surdas, os mesmos que as crianças normais.

Henri Wallon (1989), psicólogo francês, reforça a concepção da importância das relações pessoais e principalmente do afeto para o desenvolvimento cognitivo e social. Segundo sua concepção psicogenética, o autor afirma que a dimensão afetiva é fundamental no que diz respeito a construção da pessoa e do seu conhecimento. Segundo ele, as emoções que perpassam as interações atuam como mediadoras do processo de desenvolvimento infantil. Isso quer dizer que as relações pautadas numa qualidade afetiva tem papel importantíssimo na inserção social e no crescimento individual.

Pode-se dividir a surdez, no que diz respeito as suas causas, de duas formas: a adquirida e a congênita. A adquirida pode ser pós-linguística (depois da aquisição da linguagem) ou pré-linguística (antes da aquisição da linguagem). Isso quer dizer que a surdez adquirida pode se manifestar em qualquer idade, sendo assim, deixa de ser pertinente para o presente trabalho, já que, segundo Peres (2003), ela acarreta menor dificuldade para aceitação tanto do indivíduo quanto do outro. Em contrapartida, a congênita é pré-linguística (antes da aquisição da linguagem) e será levada mais em consideração por ser ela a maior causadora de dificuldades de aceitação e motivo das divergências teóricas sobre suas consequências no desenvolvimento.

A referência deste trabalho é a teoria da Psicologia Humanista, mais especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) ou Teoria Roge-riana, que visa, acima de tudo, um estudo voltado para compreensão dos relacionamentos interpessoais.

De acordo com a ACP, um ambiente harmonioso em que as pessoas são amadas e aceitas como elas são, trazem ao indivíduo, seja ela portador de alguma deficiência ou não, condições para que ele se desenvolva de maneira eficaz. Segundo Rogers e Kinget (1976), são necessárias e suficientes três condições para um desenvolvimento saudável, são elas: empatia (capacidade de sentir a dor do outro), congruência (capacidade de ser autêntico consigo mesmo e com o outro) e consideração positiva (aceitação incondicional, sem julgamentos). A retirada destas condições do ambiente implicaria num déficit psicológico para o indivíduo, sendo que o período da retirada delas é uma variável que vai determinar a gravidade de tais déficits. Isso quer dizer que na infância, o quadro nosológico será muito mais grave do que na fase adulta.

O que ocorre no caso da surdez congênita é que já após o nascimento, na maioria das vezes, há uma retirada destas condições básicas devido à dificuldade de aceitação dos pais da deficiência do recém nascido. Daí, Lacerda

(1996) aponta que os problemas afetivos e emocionais, frequentemente atribuído aos portadores de surdez, podem iniciar-se na ausência de uma comunicação recíproca e satisfatória dentro do contexto familiar nos primeiros anos de vida. Ela ainda aponta que a relação de afeto dos pais com os filhos deficientes está diretamente relacionada com a forma pela qual eles (pais) vão reagir ao perceber a surdez na criança e conseguir elaborar o luto do filho esperado – a criança perfeita – modificando suas expectativas em relação a ele. A qualidade dessa interação (família e portador de surdez) vai influenciar na formação do que Rogers (2009) chamou de auto-conceito, neste caso, do portador de surdez.

A motivação para este estudo vem tomando forma desde minha infância quando tive a oportunidade de conviver com uma criança com déficit de audição. A partir de então e, ao longo da vida, surgiram questionamentos sobre as reais possibilidades de sucesso no tratamento dos portadores dessa síndrome. Agora, cursando Psicologia surgiu a oportunidade de aprofundar os conhecimentos nessa área.

Revisão Bibliográfica

Abordagem Humanista

De acordo com Tambara e Freire (2007) a Teoria Humanista e, neste caso mais específico a Teoria Rogeriana (criada por Carl Rogers, psicólogo norte americano), a partir dos anos setenta, com a expansão das idéias de Rogers, deixou de ser chamada de Terapia Centrada no Cliente e passou a chamar-se Abordagem Centrada na Pessoa. Isso se deu devido ao fato de que, os conceitos elaborados pelo autor, e que serão colocados à seguir, não mais eram tidos como necessários e fundamentais unicamente numa psicoterapia, mas uma filosofia de vida, um jeito de ser aplicado em qualquer tipo de relação.

Cada ser humano, de acordo com a Abordagem Centrada na Pessoa, tem um movimento interno natural para o crescimento e desenvolvimento de si, bem como de seu reconhecimento e compreensão satisfatório (Tavora, 2002). Segundo o próprio Rogers “todo organismo é animado por tendência inerente a desenvolver todas as potencialidades, e a desenvolvê-las de maneira a favorecer-lhe a conservação e enriquecimento” (Rogers & Kinget, 1976, p. 34). Rogers (1976) chamou este movimento interno de Tendência Atualizante.

Para que essa tendência se torne manifesta, algumas necessidades devem estar presentes no ambiente de relações do indivíduo, como um relacionamento humano caloroso e verdadeiro, no qual ele possa ser o mais espontâneo possível. Rogers conceituou então, três necessárias e suficientes para que este ambiente seja considerado como propício para tal desenvolvimento satisfatório, a consideração positiva, a empatia e a congruência (Tavora, 2002).

De acordo com Rogers (2009) consideração positiva significa uma aceitação, não necessariamente aprovação, incondicional do outro, como a mesma qualidade de sentimento que um pai tem para um filho, apreciando-o como uma pessoa seja lá qual for seu comportamento. Isso não implica necessariamente em concordar com tudo que o outro faz, mas não fazer julgamentos. Há, então, a implicação de que a partir dessa aceitação, o indivíduo se sentirá em liberdade para exprimir seus sentidos reais, sejam eles quais forem, acarretando em mudanças qualitativas no desenvolvimento da pessoa.

A compreensão empática ou empatia é a capacidade de se colocar no mundo do outro sem se perder, ou seja, despir dos valores, o que Rogers (1975, citado por Tambara & Freire, 2007) chamou de “pôr de lado nosso próprio eu” e entendê-lo (o outro). É a compreensão empática que dá ao indivíduo a sensação de que está sendo entendido até além do que ele consegue dizer. Uma pessoa que se sente compreendida dessa forma também passa a confiar mais em si mesma e ter melhores condições de explorar suas potencialidades (Tambara & Freire, 2007).

Outra atitude básica é a congruência ou genuinidade, que segundo Rogers (2009), diz respeito a um estado de harmonia entre o que se é e o que se demonstra ser. Daí cabe, tanto indivíduo quanto ao outro, ser o mais transparente possível nesta relação, mostrar-se sem bloqueios, onde suas atitudes e sentimentos fluem de acordo com o momento presente, expressando-se da melhor maneira possível, espontaneamente. Isso quer dizer que a pessoa simboliza, em sua consciência, a experiência com menor distorção possível e é capaz de verbalizar para o outro sentimentos que permeiam a relação. Conviver com pessoas congruentes, equivaleria a conviver com pessoas reais, que são o que são, sem fachada de vaidades ou profissional. Daí, quanto mais congruente for uma relação, maior é a probabilidade que ocorra melhoras neste relacionamento e no desenvolvimento das partes envolvidas Rogers (1986, citado por Monteiro, 2005).

Uma pessoa está congruente quando as suas experiências podem ser acuradamente simbolizadas na consciência sem distorções ou negações, ou seja, a pessoa congruente é uma pessoa sem defesas, aberta a totalidade da sua experiência (Tambara & Freire, 2007: 13)

O próprio Rogers (2009) diz que estar congruente é estar em disposição para agir de forma aberta, sem máscaras ou discursos pré-concebidos, sendo o mais franco possível.

Outra colocação pertinente ainda sobre a ACP, diz respeito a questão do psicodiagnóstico. De acordo com Rogers (2009), o psicodiagnóstico é prejudicial ao desenvolvimento do indivíduo, já que implica num juízo feito de um referencial externo a ele (indivíduo). Desta forma, quando se avalia uma pessoa como psicologicamente patológica, passa-se rotulá-la como tal, ou seja, tira-se dela o controle de si (como se o indivíduo não tivesse capacidade de conhecer a si mesmo) e passa a julgá-la em suas atitudes. O psicodiagnóstico estaria, então, num caminho contrário as condições imprescindíveis para um relacionamento saudável, supracitadas. Daí, o paradigma do médico que diagnostica o problema e trata cada um de acordo com tal, não pode ser aplicado no caso da compreensão da personalidade e do comportamento. E mais, somente o indivíduo quem tem a capacidade de compreensão sua realidade (comportamento e sua personalidade), sendo assim, somente ele capaz de conhecê-los.

Audição

Segundo Davidoff (2006), a audição, subjacente a nossa capacidade de comunicar usando a linguagem, é um sentido humano extremamente importante; e as capacidades humanas são impressionantes. O sentido da audição baseia-se em células especiais do ouvido que respondem a mudanças rápidas na pressão (vibração) do ar circundante. Portanto, a audição assemelha-se a outros sentidos que reagem a forças mecânicas, o sentido vestibular e a sensibilidade à pressão, por exemplo. Às vezes, a audição é muito apropriadamente referida como “sentir (a) distância”.

Surdez infantil

De acordo com o período evolutivo em que ocorreu a perda auditiva, é possível diferenciar, em termos básicos, dois tipos de surdez: a pré-lingüística, ou seja, congênita ou adquirida nos primeiros anos de vida, antes do desenvolvimento da linguagem e a pós-lingüística que é adquirida após o desenvolvimento da linguagem Mckenna (1995, citado por Peres, 2003).

Peres (2003) deixa claro que a incapacidade auditiva é um elemento constitutivo da identidade original do portador de surdez pré-lingüística, já para o portador de surdez pós-lingüística a incapacidade auditiva representa uma perda que dificilmente poderá ser elaborada. Assim sendo, geralmente o portador de surdez pós-lingüística tende a apresentar mais sinais de não-aceitação da incapacidade auditiva do que o portador de surdez pré-lingüística.

Perda da audição

Para Davidoff (2006), a surdez total é rara. Presume-se que somente 1% de todos os surdos seja incapaz de ouvir sons sob quaisquer circunstâncias. As diminuições de audição geralmente se dividem em surdez de ouvido interno e surdez de ouvido médio.

No caso da surdez do ouvido médio, os ossos do dessa região não transmitem as ondas sonoras adequadamente para a cóclea, mas esta última e o nervo auditivo são saudáveis. As causas relativamente comuns de surdez do ouvido médio são as doenças e infecções que afetam o ouvido médio e levam à ruptura do tímpano a ao acúmulo de cera. A perda da audição raramente é total sendo, na maioria das vezes, temporária e reversível, embora possa haver a necessidade de aparelhos, medicamentos ou cirurgia (Stevens & Lower, 2002).

A surdez do ouvido interno resulta de condições lesivas ao ouvido interno (cóclea, células ciliares ou nervo auditivo). A surdez do ouvido externo pode ser parcial, porém tende a ser permanente. Neste caso, os aparelhos auditivos são de pouca ajuda, atualmente, porém, estão sendo testados novos mecanismos implantados na cóclea para estimular o nervo (Davidoff, 2006).

Desenvolvimento Social e Cognitivo

Segundo Rogers (2009), a estruturação do indivíduo se dá na relação do “eu” e a do “eu-em-relacionamento”. Ele chamou autoconceito toda forma de subjetivação que o indivíduo introjeta na relação desde os primeiros contatos e experiências do ainda bebê com os outros seres humanos. É na proporção em que a criança vai se relacionando com as pessoas que lhe são significativas que ela estrutura sua forma de ser, direcionando suas atitudes em busca de uma aceitação. O autoconceito é, então, a forma como o indivíduo percebe o mundo e como ele percebe a si mesmo, servindo de referência para sua forma de se comportar e sentir as coisas. Já que ele é construído na interação com o outro, esta construção se dá de acordo com as condições de aceitação que o outro oferece ao indivíduo.

Desta forma, de acordo com Tambara e Freire (2007), o problema no desenvolvimento de um ser humano, seja ele no âmbito social ou cognitivo, se dá quando há uma espécie de desacordo (incongruência) entre a experiência do indivíduo (sensação do organismo) e o autoconceito (sensações simbolizadas).

Assim, os valores que a criança liga à experiência dissociam-se de seu próprio funcionamento organísmico, e a experiência é avaliada em termos de atitudes de seus pais, ou de outras pessoas que estejam intimamente associadas a ela. Esses valores passam a ser aceitos como tão ‘reais’ quanto os valores conectados a experiências diretas [...] É neste ponto que o indivíduo entra no caminho que, mais tarde descreverá como ‘eu, na verdade, não me conheço direito’. As reações sensoriais e viscerais primárias são ignoradas, ou não tem permissão para vir a consciência, exceto em forma distorcida. Os valores que poderiam ser desenvolvidos a partir delas não podem ser admitidos a consciência. Um autoconceito baseado, em parte, numa simbolização distorcida tomou o lugar deles (Rogers, 1992, citado por Tambara & Freire, 2007, p. 69).

Um exemplo claro disso se dá quando uma criança sente uma forte vontade de agredir seu irmão por ele lhe ter tomado um brinquedo. Porém, essa agressão pode ameaçar a perda do amor de pessoas significativas (neste caso os pais). O que ocorre é que ele simboliza esta vontade distorcendo (“este comportamento é maldoso”) ou negando-a (“não me sentirei bem caso

agrida-o”), introjetando a realidade dos pais, seja ela boa ou ruim, em seu autoconceito como se fosse a dele (Tambara & Freire, 2007).

Para Lacerda (1996), a grande maioria das pessoas ou educadores, fazem imagem do portador de surdez considerando certas características intrínsecas a deficiência auditiva, e não como consequência de uma falha ou fracasso no método utilizado na educação ou no modo de lidar com a pessoa. Outra dificuldade que o jovem portador de necessidade especial auditiva enfrenta é o da aceitação social. Existe uma tendência a generalizar o problema, o que, muitas vezes, leva a sociedade a considerar o surdo como incapaz para o trabalho, sem levar em consideração a sua competência para a função que pretende exercer, estando sempre em desvantagem na competição com o ouvinte.

Para Dizeu e Caporali (2002), quando a pessoa surda passa a conviver apenas com uma comunidade ouvinte, sem nenhum contato com outros surdos, sua surdez passa então a ser ocultada e depreciada. O rótulo que a pessoa recebe de deficiente agrava-se a cada dificuldade que essa pessoa encontra para se igualar ao ouvinte.

Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa a fim de contemplar a análise dos dados coletados através de observação e entrevista semi-estruturada. Foi realizado um estudo de caso de um estudante de colégio público da cidade de Ponte Nova – MG, portador de surdez.

Antes de mais nada é interessante ressaltar que, uma abordagem qualitativa leva em consideração as especificidades do objeto, de forma que, apenas os dados estatísticos seriam incapazes de captarem, como aspectos subjetivos e complexos que não são observados de forma direta, em outras palavras, a metodologia qualitativa trata de investigar experiências que não podem ser mensuradas. Bogdan e Biklen (1994) trazem algumas características da investigação qualitativa que se encaixam perfeitamente aos objetivos do estudo que pretendemos realizar: “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 47). Os dados recolhidos são

palavras e não números, o que é possível fazer, dentre outras técnicas, quando se utiliza como instrumento de coleta a entrevista semi-estruturada.

Como instrumento de coleta foi utilizado um formulário semi-estruturado (Anexo A) composto por questões abertas endereçadas a um dos professores do caso analisado. A escolha do professor como entrevistado se deu pelo fato de ser ele a pessoa capaz de conseguir passar da melhor maneira informações sobre o desempenho do pesquisado, seja no âmbito cognitivo ou no social dentro da escola, até mesmo por ele ser quem está sempre avaliando tais desempenhos nos trabalhos em grupo. Neste tipo de entrevista (aplicada a partir de um pequeno número de perguntas abertas) as temáticas vão sendo construídas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Assim garantiu-se a possibilidade do participante ter uma maior liberdade para relatar suas opiniões pessoais sobre o caso estudado. Coube ao pesquisador, elaborar as temáticas e as questões a serem abordadas organizando as entrevistas de acordo com os objetivos propostos no projeto da pesquisa.

Outra forma para coleta de dados foi a observação participante, neste caso a fim de contemplar a análise do desenvolvimento social do objeto de pesquisa. Foi realizada através de duas aulas assistidas na mesma sala que o portador de deficiência auditiva visualizando sua interação com os demais colegas, sua capacidade de atenção e a aceitação do mesmo pelos colegas de sala.

A complementação desses dados ainda contou com um elemento auxiliar que foi uma análise comparativa da nota do aluno observado com a média geral da escola, objetivando uma compreensão sobre seu desenvolvimento cognitivo.

De posse então dos dados levantados foi possível analisar as questões pertinentes ao objetivo da pesquisa.

Objetivos Geral e Específicos

O objetivo do trabalho foi fazer uma análise de caso de um estudante privado de audição do ensino médio de uma escola pública da cidade de Ponte Nova – MG levando em consideração os aspectos relativos ao desenvolvimento cognitivo e social do mesmo à partir de uma abordagem da Psicologia Humanista.

Para corroborar com o objetivo geral, teve-se os seguintes objetivos específicos: conceituar o que vem a ser os dois tipos de surdez, a congênita e a adquirida e suas implicações no desenvolvimento; citar a dificuldade de aceitação das diferenças, neste caso do portador de surdez, principalmente por parte dos pais; discorrer sobre a teoria da Psicologia Humanista no quesito desenvolvimento do indivíduo; relacionar a importância da aquisição da linguagem na formação do indivíduo enquanto pessoa.

Resultados e Discussões

De posse dos resultados obtidos na entrevista e através da análise participativa pôde-se perceber que o pesquisado, quando comparado a outros alunos, apresenta um desenvolvimento normal. O ambiente escolar que o aluno pesquisado participa, oferece em graus satisfatórios as condições que, segundo Rogers (2009) são necessárias e suficientes para um desenvolvimento dela enquanto indivíduo: empatia, congruência e consideração positiva.

O aluno tem uma participação considerável nos trabalhos em grupo, colaborando com seu conhecimento, é aceito com facilidade pelos colegas durante estes trabalhos, e acima de tudo, de forma igualitária. Seu relacionamento com os pares e professores é amistoso e puderam-se observar brincadeiras saudáveis demonstrando um ambiente seguro e afetivo. Quando não há o entendimento do tema abordado em sala de aula, fato comum a qualquer estudante, o aluno se sente à vontade para o esclarecimento de dúvidas, reforçando o que foi dito sobre as condições necessárias e suficientes que ele recebe em sala, condições essas que corroboram com sua espontaneidade e segurança para levantar tais dúvidas e as expor. É interessante deixar claro que, tanto os alunos quanto os professores, desconhecem a Abordagem Centrada na Pessoa e mesmo assim oferecem tais condições consideradas imprescindíveis segundo a teoria.

A satisfação no rendimento escolar do pesquisado, também comparada com os demais alunos da sala de aula, e a média geral da escola é uma amostra de que quando são oferecidas boas condições, interações significativas e positivas uma criança pode se desenvolver em vários âmbitos.

Rogers (2009) afirma que, há uma força que direciona o indivíduo para o desenvolvimento em sua melhor maneira possível, presente em todo e qual-

quer ser humano. Daí, as relações interpessoais calorosas e verdadeiras oferecidas, neste caso pelos colegas de sala, tem o papel fundamental para que o sujeito pesquisado possa desenvolver suas habilidades e potencialidades, colocando sua Tendência Atualizante em curso.

Conclusões

Percebemos pelo caso estudado que as interações em ambiente escolar são fundamentais para o bom desenvolvimento de todas as crianças. Especialmente quando se trata de uma criança portadora de alguma deficiência, é imprescindível que o contexto social ofereça as três condições preconizadas por Rogers (1976/2009). É importante ainda que o portador de surdez se mantenha integrado com seus pares para constituição de sua identidade e aceitação como pessoa em potencial.

Acreditamos que trabalhos de formação de educadores e oficinas com estudantes podem facilitar a melhoria das relações intra-escolares com estudantes portadores de deficiência. Com isso, é provável que o desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças ocorra de maneira mais satisfatória, já que, como disseram os próprios autores Rogers e Kinget (1976, p. 104), “a qualidade do encontro pessoal é que determina até que ponto estamos diante de uma experiência que liberta ou estimula o desenvolvimento e crescimento”.

Referências

- DAVIDOFF, L.L. (2006). *Introdução a Psicologia* (L. Peres, trad.). São Paulo: Pearson Makrom Books.
- FREIRE, E.S. & TAMBARA, N. (2007). *Terapia Centrada no Cliente: Um caminho sem volta*. Porto Alegre: Delphos.
- LACERDA, C.B.F. (1996). *O Processo Dialógico entre aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MONTEIRO, N.M. (2005). *O (Ser) Terapeuta Humanista-Existencial e sua postura na psicoterapia infantil*. Recuperado em 13 de Março de 2008, de http://sereexistir.com/docs/natacha/artigo_postura.pdf

- MYKLEBUST, H.R. (1983). *Distúrbios de Aprendizagem* (M. Zanella Sanvicentes, trad.). São Paulo: Pioneira.
- PERES, R.S. (2003). O desenho como recurso auxiliar na investigação psicológica de crianças portadoras de surdez. *Psic.online* 4 (1), 22-29. Recuperado em 22 de Abril de 2008, de http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167673142003000100004&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1676-7314.
- ROGERS, C. & KINGET, G. M. (1976). *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. (M. Moreira, D. Moreira, trads.). São Paulo: Novos Ubrais.
- ROGERS, C. (2009). *Tornar-se Pessoa*. (M. José do Carmo, A. Lamparelli, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- RONDON, G. & RODRIGUES, L. (2004). *Limitações do Portador de necessidades especiais auditivas quando da sua inserção na sociedade e no trabalho, bem como sua interação com a família*. Londrina. Recuperado em: 22 de Março de 2008, de <http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/saude010.pdf>
- SILVA, A. B. de P. (2003). Surdez, Inteligência e Afetividade. In: I.R. Silva, S. Kauchakje, Z.M. Gesueli (orgs.), *Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e Realidades* (pp. 89-97). São Paulo: Plexus.
- STEVENS, A. & Lowers, J. (2002). *Patologia*. (I. Cristina, trad.). São Paulo: Manoele Lda.
- TAVORA, M. T. (2002). *Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC*. *Psicol. estud.* 7 (1). Recuperado em: 28 de Junho de 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100015&lng=&nrm=iso
- WALLON, H. (1989). *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole.

Anexo A

Formulário:

1. Como é a participação do aluno nos trabalhos em grupo?
2. O aluno é tratado sem diferenciação quando comparado aos outros?
3. Como a participação dele em sala de aula?
4. Como é a aceitação dele pelos colegas?
5. Como é o acompanhamento dele em relação a matéria abordada?